

# EM POR

O S S E G R E D O S D A N O S S A

RÉPTEIS E ANFÍBIOS

## Amados & Odiados

*Répteis e anfíbios converteram-se desde tempos imemoriais em protagonistas de fábulas e mitos. Repugnantes para uns, apaixonantes para outros, estes animais são alvo de um projecto que visa aprofundar o conhecimento da sua distribuição em Portugal e avaliar factores de ameaça.*

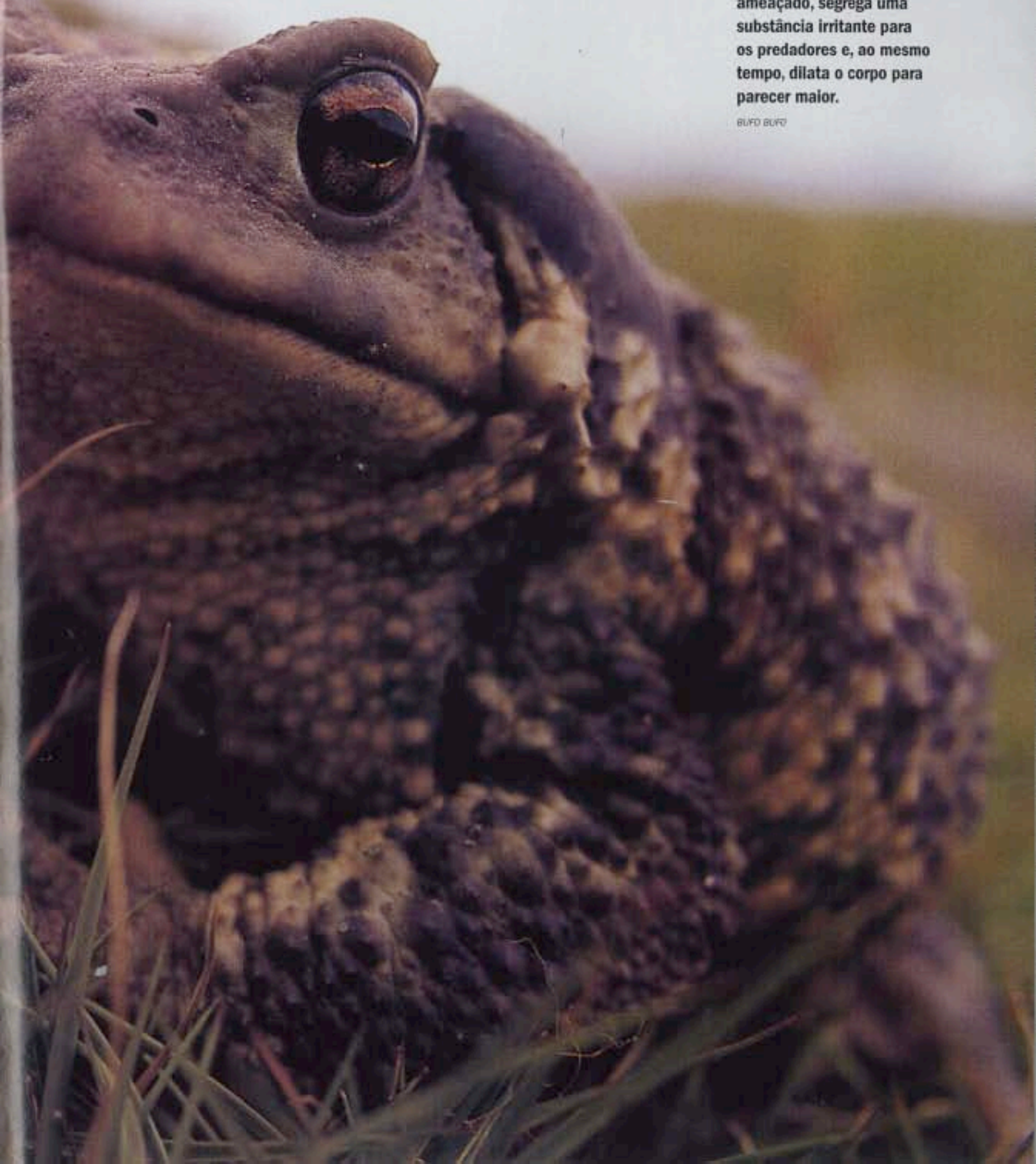
*Texto e Fotografias de João Cosme*

# T U G A L

C U L T U R A G E O G R Á F I C A

O sapo-comum apresenta um mecanismo de defesa notável. Quando ameaçado, segrega uma substância irritante para os predadores e, ao mesmo tempo, dilata o corpo para parecer maior.

BUFFO BUFO



**N**o início do mês de Abril, quando os raios solares aquecem os vales, as dunas e as mais recônditas serranias do território nacional, chega a altura para os herpetólogos iniciarem os trabalhos de campo. Após alguns meses de hibernação, e com a subida da temperatura, lagartixas e cobras começam a “proliferar” nos habitats, iniciando mais uma época de actividade.

Dirijo-me ao litoral, mais concretamente às dunas da Torreira, na região de Aveiro, onde se encontra o biólogo Miguel Carretero, coordenador da região norte do Plano Nacional de Conservação da Herpetofauna e Atlas dos Anfíbios e Répteis de Portugal. Miro o relógio: os ponteiros indicam dez horas da manhã. O Sol, que se encontra quase a “pique”, começa a fazer-se sentir. De mochila às costas e máquina fotográfica pronta a “disparar”, acompanho o investigador enquanto ele procura animais entre a vegetação dunar.

Com o avanço da construção imobiliária em direcção às dunas, todo o tipo de lixo é abandonado junto deste ecossistema de elevado interesse biológico. Persistentemente, o biólogo continua a levantar o “entulho” ali depositado. Finalmen-



te, grita com entusiasmo: “João, está aqui um macho e uma fêmea”. A euforia justifica-se. Miguel explica-me que esta lagartixa da espécie *Podarcis carbonelli* “foi descrita em 1982 pelo investigador espanhol Valentin Pérez Mellado na Sierra de Francia, em Espanha. Até aí, pensava-se que o animal era apenas uma subespécie da *Podarcis bocagei*”. “A distribuição desta espécie é mais ampla, pelo que existem grandes probabilidades de encontrarmos novos núcleos populacionais, como aconteceu recentemente com a descoberta de exemplares na serra do Caramulo”, afirma Miguel Carretero. Com o avanço do trabalho de campo, e passado o primeiro ano desde o início do projecto Atlas, as revelações sucedem-se.

A investigação teve como proponentes o CBA (Centro de Biologia Ambiental da Faculdade de Ciências de Lisboa) e o CIBIO (Centro de Investigação em Biodiversidade e Recursos Genéticos da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto), e foi coordenada e financiada pelo Instituto da Conservação da Natureza. A pergunta que adivinho na boca do leitor é natural: porque merecem

**A rã-verde (à direita) é o anfíbio mais comum dos charcos portugueses. É robusta e chega a medir 7cm. Em busca de alimento, pode afastar-se dos cursos de água de dia ou de noite.**

**A rã-ibérica (em baixo) é um animal endémico da península e vive sobretudo no Noroeste do País. A investigação revelou um núcleo isolado na serra de São Mamede, que resiste à degradação de habitat e sobrevive à acção humana.**

**A identificação destas rãs não é fácil, porque a sua coloração varia bastante. Há indivíduos com tons castanho-escuros e outros mais claros. O tira-teimas da identificação é uma mancha escura, na região posterior do olho, que separa esta rã dos outros batráquios.**

**O período reprodutivo do animal estende-se de Novembro a Março, mas varia com a altitude.**



RANA IBERICA





LACERTA LEPIDA

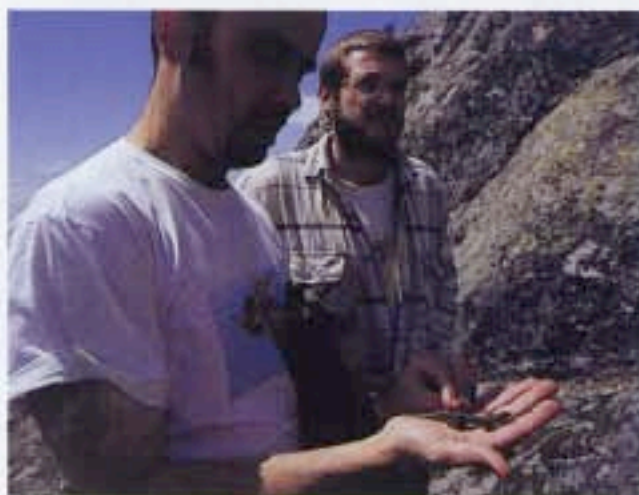
estes animais ser alvo de um estudo de grande envergadura? A resposta é igualmente espontânea. Existiam poucos dados sobre estes dois grupos de seres vivos. Armando Loureiro, coordenador nacional da iniciativa, explica-me que o conhecimento sobre cada espécie é muito heterogêneo. "Para algumas, conhece-se apenas um ou outro local de distribuição." Para proteger, é fundamental conhecer.

A Primavera atinge o seu auge e os campos enchem-se de vida. Encontro-me com três investigadores num dos maciços mais agrestes da região centro: a serra de Montemuro. Em tempos não muito longínquos, era usual em algumas aldeias deste enclave os habitantes capturarem ofídios para posterior venda. A víbora-cornuda (que, juntamente com a víbora-de-seoane, é um dos dois répteis venenosos que ocorrem em território português) era a espécie mais apreciada, pois pensava-se, erradamente, que o seu consumo era benéfico para a saúde e actuava como afrodisíaco. Enquanto a equipa que eu acompanho prepara os últimos pormenores, aproveito para trocar umas palavras com um pastor que se encontra a alguns metros da nossa viatura. Pergunto-lhe se ainda é habitual matarem víboras? Sorri e responde: "Agora, já é raro vê-las, mas quando eu era mais novo matei algumas e aproveitava a cabeça para vender."

Enquanto estive na região, tive oportunidade de observar alguns exemplares no interior de frascos cheios de álcool com mais de 17 anos. Actualmente, esta prática diminuiu, mas provocou certamente um decréscimo nas populações da serpente. Junto-me de novo aos biólogos, que colocam uma carta militar sobre o "capot" da viatura e discutem a melhor área para prospectar. As únicas ferramentas que acompanham o trabalho dos jovens cientistas são um camaroeiro e um GPS transportados por Raquel Ribeiro, que se dirige para um pequeno charco. Não muito distantes, Bruno e Neftali levantam pedras em busca de répteis. "Com o calor, os animais têm tendência a procurar um abrigo mais fresco e isso obriga-nos a levantar todo o

**Se há uma espécie de réptil carismático da Península Ibérica, esse animal é o sardão (em cima) – o maior lagarto europeu.**

**No campo, as equipas de investigação recensearam 45 espécies de répteis e anfíbios. Este primeiro censo nacional será essencial para fornecer referências para o futuro e dotar as entidades locais de dados concretos para a preservação dos habitats.**





**A víbora-cornuda (em baixo) é um dos dois únicos répteis portugueses venenosos. A tradição reza que a sua cabeça traz boa sorte aos portadores e a sua carne é um afrodisíaco. Este triste equívoco motivou a captura desregrada de víboras em algumas aldeias do interior e ameaçou o futuro da espécie. Hoje, as capturas já não se registam com a mesma intensidade.**

WPERA LATASZEI

tipo de material que nos parece apropriado a um possível refúgio”, diz um dos herpetólogos.

Enquanto caminhamos, vamos observando os animais escondidos deste jardim zoológico natural. A poucos metros de mim, vejo o maior lagarto da herpetofauna europeia – o lagarto-ocelado ou sardão. Caso se sinta ameaçado, ele fugirá rapidamente, pelo que tento ser cauteloso na minha aproximação para obter algumas imagens.

As formas, desenhos e texturas das cobras e lagartos que vamos observando fazem-me parar em busca de mais um momento de estética natural, mas Raquel Ribeiro continua a sua tarefa em busca de pequenas larvas de anfíbios. De

vez em quando, pára, mostra-me alguns indivíduos e dá-me autênticas lições de zoologia. “Para identificar os girinos, observamos o desenho da boca e verificamos onde se encontra o espiráculo”, explica. A posição das espécies encontradas é marcada por GPS para que se possa criar uma base de dados fiável para futuros trabalhos e produzir mapas de distribuição. Todos os animais encontrados sem vida, principalmente por tráfego rodoviário, são recolhidos e passam a integrar um banco de tecidos para estudos genéticos, anatómicos ou ecológicos.

No âmbito do programa Life para o conhecimento e gestão do património natural, estudaram-se apenas cinco das 45 espécies existentes em Portugal Continental. Para as restantes 40 espécies, desconhecem-se os factores fundamentais que permitam conhecer e preservar estes vertebrados. Essa é a motivação do projecto Atlas: alargar o conhecimento e transmitir aos decisores políticos o máximo de informação, na esperança de que a importância da biodiversidade supere a superstição e a repugnância.

Os meses sucedem-se, e o trabalho de campo continua. Com a aproximação do Outono, o clima torna-se mais rigoroso. A actividade da maioria dos anfíbios e répteis diminui consideravelmente. Resta-nos esperar pelo novo ano. □

